

Para refletir

JUVENTUDE E VIOLÊNCIA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO¹

Um jovem pobre e negro caminhando pelas ruas de uma grande cidade brasileira é um ser socialmente invisível. Há muitos modos de ser invisível e várias razões para sê-lo. No caso desse nosso personagem, a invisibilidade decorre principalmente do preconceito ou da indiferença. Uma das formas mais eficientes de tornar alguém invisível é projetar sobre ele ou ela um estigma, um preconceito. Quando o fazemos, anulamos a pessoa e só vemos o reflexo de nossa própria intolerância. Tudo aquilo que distingue a pessoa, tornando-a um indivíduo, tudo o que nela é singular desaparece. O estigma dissolve a identidade do outro e a substitui pelo retrato estereotipado e a classificação que lhe impomos.

(...)

A formação da identidade para os jovens é um processo penoso e complicado. As referências positivas escasseiam e se embaralham com as negativas. A construção de si é bem mais difícil que escolher uma roupa, ainda que a analogia não seja de todo má, uma vez que o interesse por uma camisa de marca, pelo tênis de marca, corresponde a um esforço para ser diferente e para ser igual, para ser *diferente-igual-aos outros*, isto é, igual àqueles que merecem a admiração das meninas (e da sociedade ou dos segmentos sociais que mais importam aos jovens - o que também varia, é claro). Roupas, posturas e imagens compõem uma linguagem simbólica inseparável de valores. Aquilo que na cultura *hip-hop* se chama *atitude* talvez seja a síntese de uma estética e de uma ética, que se combinam de modo muito próprio na construção da pessoa.

Há mais um aspecto extremamente interessante: ninguém cria sozinho ou escolhe para si uma identidade como se tirasse uma camisa do varal. Não é algo que se vista e leve para casa. Não se porta ou carrega uma identidade, como se faria com uma carteira, um vestido ou um terno. A identidade só existe no espelho, e esse espelho é o olhar dos outros, é o reconhecimento dos outros. É a generosidade do olhar do outro que nos devolve nossa própria imagem unificada de valor, envolvida pela aura da significação humana, da qual a única prova é o reconhecimento alheio. Nós nada somos e valem nada se não contamos com o olhar alheio acolhedor, se não somos vistos, se o olhar do outro não nos recolhe e salva da invisibilidade invisibilidade que nos anula e que é sinônimo, portanto, de solidão e incomunicabilidade, falta de sentido e valor. Por isso construir uma identidade é necessariamente um processo social, interativo, de que participa uma coletividade e que se dá no âmbito de uma cultura e no contexto de um determinado momento histórico.

(...)

Por força da projeção de preconceitos ou por conta da indiferença generalizada, perambulam invisíveis pelas grandes cidades brasileiras muitos jovens pobres, especialmente os negros sobre os quais se acumulam, além dos estigmas associados à pobreza, os que derivam do racismo. Um dia, um traficante dá a um desses meninos uma arma. Quando um desses meninos nos parar na esquina, apontando-nos esta arma, estará provocando em cada um de nós um sentimento - o sentimento do medo, que é negativo, mas é um sentimento. Ao fazê-lo, saltará da sombra em que desaparecera e se tornará visível. A arma será o passaporte para a visibilidade.

(...)

Eis o compromisso que gostaria de compartilhar: é nosso dever disputar menino a menino, menina a menina; competir com o tráfico e o crime, oferecendo aos adolescentes e às crianças pelo menos as mesmas vantagens que o outro lado oferece, mas com sinal invertido, é claro.

¹Fragmentos selecionados do texto de Luis Eduardo Soares, antropólogo, cientista político, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro

A JUVENTUDE COMO SINTOMA DA CULTURA²

O aumento progressivo do período de formação escolar, a alta competitividade do mercado de trabalho nos países capitalistas e, mais recentemente, a escassez de empregos obrigam o jovem adulto a viver cada vez mais tempo na condição de "adolescente", dependente da família, apartado das decisões e responsabilidades da vida pública, incapaz de decidir seu destino.

Nessas circunstâncias, a adolescência só poderia se tornar uma idade crítica. Mas como, na economia capitalista, do boi se aproveita até o berro, essa longa crise, que alia o tédio, a insatisfação sexual sob alta pressão hormonal, a dependência em relação à família e a falta de funções no espaço público, acabou por produzir o que as pesquisas de *marketing* definem como uma nova fatia de mercado. A partir daí - viva o jovem!

(...)

Ser jovem virou *slogan*, virou clichê publicitário, virou imperativo categórico - condição para se pertencer a um certa elite atualizada e vitoriosa. Ao mesmo tempo, a "juventude" se revelava um poderosíssimo exército de consumidores, livres dos freios morais e religiosos que regulavam a relação do corpo com os prazeres e desligados de qualquer discurso tradicional que pudesse fornecer critérios quanto ao valor e à consistência, digamos, existencial de uma enxurrada de mercadorias tornadas, da noite para o dia, essenciais para a nossa felicidade.

(...)

Essa transformação do adolescente em fatia privilegiada do mercado consumidor inaugurada nos Estados Unidos e rapidamente difundida no mundo capitalista trouxe alguns benefícios e novas contradições. Por um lado, a associação entre juventude e consumo favoreceu o florescimento de uma cultura adolescente altamente hedonista. O adolescente das últimas décadas do século XX deixou de ser a criança grande, desajeitada e inibida, de pele ruim e hábitos anti-sociais, para se transformar no modelo de beleza, liberdade e sensualidade para todas as outras faixas etárias. O adolescente pós-moderno desfruta de todas as liberdades da vida adulta, mas é poupado de quase todas as responsabilidades.

Parece que ao escrever isso estou limitando o foco desta análise aos adolescentes da elite, os únicos que de fato podem consumir e desfrutar da condição de jovens adultos cujos desejos e caprichos são sustentados pelos pais. Não é bem assim. Na sociedade pautada pela indústria cultural, as identificações se constituem por meio das imagens industrializadas. Poucos são aqueles capazes de consumir todos os produtos que se oferecem ao adolescente contemporâneo - mas a *imagem* do adolescente consumidor, difundida pela publicidade e pela televisão, oferece-se à identificação de todas as classes sociais. Assim, a cultura da sensualidade adolescente, da busca de prazeres e novas "sensações", do desfrute do corpo, da liberdade, inclui todos os adolescentes. (...) O que favorece, evidentemente, um aumento exponencial da violência entre os que se sentem incluídos pela via da imagem, mas excluídos das possibilidades de consumo. O efeito paradoxal do campo de identificações imaginárias aberto pela *cultura jovem* é que ele convoca pessoas de todas as idades.

(...)

Em uma sociedade em que o adolescente é erigido à posição de ideal para todas as idades, os adultos passam a sofrer de má consciência diante de sua experiência de vida. Se a regra é viver com a disponibilidade, a esperança e os anseios de quem tem 13, 15 ou 17 anos, que fazer da seletividade, da desconfiança e até mesmo da consolidação de um certo perfil existencial mais definido, inevitáveis para quem viveu 40 ou 50 anos? O adulto que se espelha em ideais *teen* sente-se desconfortável ante a responsabilidade de tirar suas conclusões sobre a vida e passá-las a seus descendentes. Isso significa que a vaga de "adulto", na nossa cultura, está desocupada. Ninguém quer estar "do lado de lá", o lado careta do conflito de gerações, de modo que o tal conflito, bem ou mal, se dissipou. Mães e pais dançam *rock*, *funk* e *reggae* como seus filhos, fazem comentários cúmplices sobre sexo e drogas, freqüentemente posicionam-se do lado da transgressão nos conflitos com a escola e com as instituições.

²Fragmentos selecionados do texto de Maria Rita Kehl, psicanalista, doutora em psicanálise pelo Departamento de Psicologia Clínica da PUC-SP

Direitos Humanos na sala de aula

Apresentação

Com mais da metade de 2005 já percorrida, entramos na reta final do ano letivo.

Trazemos na bagagem a realização da Jornada Escola e Violência, em parceria com o NEC/UERJ, o Encontro Regional de Educadores em Direitos Humanos, debates abertos na sede da Novamerica, junto às nossas ações cotidianas. Trazemos especialmente na bagagem, a ampliação do número de escolas, do município do Rio de Janeiro e do interior do Estado, que vieram se juntar a nós. A equipe Novamerica, assim como nossos/as parceiros/as, vem trabalhando com disposição e entusiasmo. Afinal, a convocação de tod@s foi/é para uma luta que vale a pena. Vamos (continuar) nessa...

Não por acaso, deslocamos a "Notícia" para esta primeira página. O lugar lhe é devido pela sua significação e pela alegria que nos traz. Colocamos em destaque as escolas, nossas parceiras, que confirmam com suas produções a indispensabilidade da Educação em Direitos Humanos no processo de conquista da Paz.

As atividades propostas neste boletim, sugerem retomada e avanço, em outros termos, uma mirada no percurso, com o olhar no horizonte.

Luis Eduardo Soares e Maria Rita Kehl "escrevem" a página "para refletir". Suas reflexões representam leituras acerca da juventude, que se entrecruzam e influenciam reciprocamente. O espaço disponível só nos permitiu uma pequena amostra dos textos originais. Como acreditamos que despertará efetivo interesse por eles, indicamos sua fonte. Aliás, fonte que inclui várias outras contribuições fundamentais para a compreensão dos assuntos sobre os quais nos temos debruçado (ver em "Enriquecendo a ação").

Esperamos que este boletim contribua para a continuidade do trabalho de tantos/as e, quem sabe?, para o estimular novas abordagens do trabalho dos/as recém chegados/as. Afinal, como prazerosamente anunciado em nossas primeiras linhas, o DDHH em Sala de Aula está chegando, agora, em muito mais mãos.

A equipe

(A Paz...)

Seria bom se fosse uma mulher, Só assim poderia ter filhos...

(David Alexandre, aluno da 7ª série da E.M. Levy Neves)

NOVAMERICA



AGOSTO

Datas Significativas

- 05 Dia Nacional da Saúde
 - 09 Dia int. dos Povos Indígenas - ONU
 - 12 Dia int. da Juventude - ONU
Dia de Luta Contra a Violência no Campo
 - 23 Dia contra a Injustiça
 - 24 Dia da Infância
 - 26 Dia int. da Igualdade Feminina
 - 31 Dia int. da Solidariedade
- Cada uma destas datas aponta conquistas necessárias e indica valores indispensáveis a uma sociedade mais pacífica, mais justa e mais feliz. O dia da Infância e da Juventude devem servir de inspiração ao delineamento do país (e do mundo) que desejamos para nossas crianças e jovens e ao consequente compromisso com a construção desse novo país (e novo mundo).

O Encontro Regional dos Educadores em Direitos Humanos realizado dia 9/7, no Colégio Teresiano, teve expressiva participação das escolas do Município do Rio de Janeiro, cujos trabalhos apresentados demonstraram grande avanço no processo de Educação em Direitos Humanos. O momento de aprofundamento sobre "Ações Afirmativas", a cargo Carlos Alberto Medeiros e Vera Candau, favoreceu significativa reflexão sobre a temática.

PAZ: Direito de tod@s! Entre nessa, abrace esta luta!

NOVAMERICA
Programa Direitos Humanos
Educação e Cidadania

ISSN 1519-9827 NOVAMERICA Rua Dezenove de Fevereiro, 160 - Botafogo
CEP: 22280-030 - Rio de Janeiro - R.J. - BRASIL - Tel/fax: 2542 6244 - 2295 8033
E-mail: escola@novamerica.org.br - http://www.novamerica.org.br

Editora
Susana Sacavino

Equipe Responsável

Vera Maria Candau
Laura Cristina Campello do A. Mello
Iliana Aida Paulo
Marilena Varejão Guersola

Supervisão Editorial
Adelia Maria Koff

Fotos:

Alexandre Firmino

Composição Gráfica

Companhia Visual Manteca

Apoio

fundación santa maria

Fons Català
de Cooperació
al Desenvolupament